

# INDUSTRIALIZAÇÃO E DIFUSÃO ESPACIAL DE UTILIDADES DOMÉSTICAS NO BRASIL: A PROPAGAÇÃO DAS MODERNIZAÇÕES EM REGIÃO PERIFÉRICA (NORDESTE DO PAÍS)\*

Nilson Crocia de Barros\* \*

## INTRODUÇÃO

As modificações na composição dos bens e serviços produzidos no Brasil, nas últimas décadas, envolveram significados sócio-espaciais notáveis, particularmente acentuados, se se leva em consideração um dos caracteres centrais do país, a saber, a sua complexidade espaço-estrutural.

No que se reporta ao processo de industrialização/urbanização, e organização espacial do país, a literatura é ampla (Cano, 1977; Oliveira, 1977; Singer, 1977; Becker, 1982). Examinando-se o problema pelo aspecto do consumo, se é levado a admitir desdobramentos deste processo, pelo território brasileiro; sem dúvida, a expansão espacial do consumo, propiciada por várias circunstâncias, ajuda no entendimento da própria mencionada industrialização.

O presente trabalho procura, à maneira de ensaio, combinando informações obtidas através dos Censos Nacionais (IBGE) e de

levantamento direto, investigar padrões e processo de difusão de bens de uso doméstico (Pedersen, 1970: apud: Santos, 1979b: 35), no território brasileiro, orientado pelo pressuposto do importante papel desempenhado pelas disponibilidades de renda nas absorções diferenciais de utilidades, pelos núcleos familiares em países pobres (Santos, 1979a: 29).

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DA DIFUSÃO ESPACIAL DE INOVAÇÕES

O termo "difusão" foi cunhado por Tylor (1871), significando a propriedade de denominar processos de homogeneização cultural por propagação de elementos. Inscreve-se, assim, na tradição antropológica, como paradigma de entendimento das mudanças culturais, por via da extensão de elementos de uma cultura para outra. A ênfase é menor em invenções independentes em culturas paralelas que em presença ou não de

\* Recebido para publicação em 30 de junho de 1988.

Trabalho apresentado ao "Encontro Nacional de Estudos sobre Crescimento Urbano", outubro de 1987, promovido pela Fundação Joaquim Nabuco, Recife/PE.

O autor agradece à CAPES, pelo auxílio à pesquisa.

\*\* Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco, Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq. *R. bras. Geogr.*, Rio de Janeiro, 51 (4): 71-78, out./dez. 1989

transmissões, interinfluências. Da escola difusionista alemã histórico-cultural ou histórico-geográfica, ou austro-alemã, em cujos estudos F. Ratzel participara (Santos, 1979b: 30; Correa 1986:85-6), advém a imagem dos *Kulturkreise* — círculos culturais. Nos Estados Unidos, o pensamento difusionista é sistematizado por Franz Boas, em perspectiva de rigor descritivo e indutivo, apoiada em trabalhos de campo, no que se fixaram conceitos de amplo uso antropológico, como padrão cultural — “área cultural” — entendida como: pequenas unidades geográficas baseadas em elementos culturais, teoricamente circulares (Harris, 1968: 373).

O acervo de contribuições geográficas ao tema se distingue, a princípio, pelo estudo de disseminação de plantas, animais (ora em perspectiva zoológica e botânica, ora agrícola), difusão de raças, religiões, técnicas de produção, e outros elementos (Santos, 1979b: 29; Chisholm, 1979: 131-4). Poder-se-ia intuir que a idéia de “difusão” carregava consigo oposição ao “localismo” — equilíbrio homem/meio isolado —, idéia, por conseguinte, talvez perturbadora da rotina dos gêneros de vida ambiental que se delineiam na obra de La Blache (1954).

O trabalho clássico, comumente referido na tradição geográfica, pertinente ao assunto é de Sauer (1952), aplicado ao estudo da difusão de plantas cultivadas, animais domésticos, técnicas agrícolas etc. A partir da década de 20, a Geografia das paisagens culturais, de Sauer, confunde-se com os progressos de Geografia Cultural, particularmente com a superação do enfoque de percepção simples, pela incorporação no aparelho explicativo da recorrência à história das civilizações (Claval, 1974: 127-8; Chisholm, 1979: 134), após os trabalhos associados deste autor, com Kroeber (1939).

Recebendo estudo sistemático, o assunto da difusão geográfica de inovações, desenvolve-se com os estudos de Hägersstrand (1952), na Suécia, com preocupações construtoras de seus modelos (modelos de Monte Carlo) (Claval, 1974: 197-8; Santos, 1979b: 31-2). Simplificadamente, o elemento geografizador da difusão é a distância —  $d$  —, estando a força da propa-

gação correlacionada negativamente com ela (Diniz, 1984: 221). Assemelha-se ao modelo gravitacional, dependendo da função distância-declínio (Chisholm, 1979: 134), ou função-proximidade (Santos, 1979b: 261-2). A difusão se processaria em uma “superfície” que receberia o “início” a partir do centro difusor, a “aceleração”, e o “declínio” ou saturação do evento-propagação. Este movimento poderia ser expresso por uma curva logística ou em forma de S (Chisholm, 1979: 135). Posteriormente, agregou-se ao raciocínio das difusões espaciais o papel das localidades centrais, pelos estudos de Hudson (1969) e Berry (1971), i. é, vinculando as noções contágio-vizinhança e filtração hierárquica (Chisholm, 1979: 134).

Certamente, neste âmbito, se há de considerar a influência de trabalhos de talhe sociológico, acerca de sociedades com alto nível de consumo ou “sociedades de massa” — *mass society*, *Massengesellschaft* —, cujo marco é a obra de Mannheim (1935). As sociedades de massa sofreriam uma dissociação da estrutura social derivada das mudanças profundas nas condições de vida (Ropke, 1957: 20-1). Sobreeleva-se a dimensão “consumo”, no sistema social, e se desenvolvem estudos que ora enfatizam a soberania do consumidor — este independente e de comportamento racional —, ora a sua manipulação pelo aparelho publicitário (Galbraith, 1966) e o efeito — demonstração (Veblen, 1966).

Rostow (1965) procurou identificar etapas que as sociedades percorreriam, da tradicional à era do alto consumo de massas ou sociedades de afluência, atingidas por poucos países, situação final, esta, afirmada também por Katona (1968).

A concepção do campo de difusão espacial de inovações como uma superfície aberta e detentora de arranjos pretéritos, de maneira a gerar interatuações entre condições pretéritas e novas variáveis, i. é, as “rugosidades do espaço”, deve-se a Santos, 1978; 1979, a,b). O consumo tenderia atingir, ainda que parcial e ocasionalmente, as populações pobres dos países subdesenvolvidos (Santos, 1979 a: 20), mas como a difusão se opera em contexto de ampla desigualdade social, se constituiriam por mecanismos de seletividade econômica, dois circuitos

(idem, ibidem). O espaço destes países é visto não a partir de superfícies hipotéticas, mas de uma superfície concreto-histórica, e tempo social plural (Santos, 1978: 203), o que o conduz a indagar: difusão de inovações, ou estratégia de vendas? (Santos, 1979 b:29). À tendência difusora das inovações, de interesse dos grupos oligopólios, se articularia, causalmente, o recuo do consumo de produtos locais (Santos, 1979: 28).

Particularmente, sobre agricultura no Brasil, observe-se o estudo de Ceron & Halbsgut (1978), utilizando a análise de superfície de tendência (*Trend surface analysis*) (Diniz, 1984: 219).

Nas condições brasileiras, a produção de bens industriais se concentra no grande núcleo urbano-industrial de São Paulo/Rio de Janeiro — macrometrópolis (Faissol, Ferreira, Moreira: 1986:116) — *heartland*, no modelo *heartland-hinterland* (Perloff, Dunn, Lampard, Muth: 1960, apud: Manzagol, 1985: 176). Daí partem os impulsos de modernização — *spread effects* (Myrdal, 1957, apud Becker, 1982: 17). A outra fração do território, examinada neste trabalho, quanto à difusão do consumo de utilidades domésticas, se insere no que Becker denomina "regiões periféricas deprimidas" (1982: 23-5), onde prevalecem os *backwash effects* (Myrdal, 1957, apud Becker, 1982: 23) e se observa uma dotação mais reduzida de modernizações (Faissol, Ferreira, Moreira. 1986: 128-9). Entre outras características, a área se distingue pela volumosa emigração, particularmente para o

grande núcleo urbano-industrial mencionado.

Neste último contexto, realizaram-se as investigações primárias.

## DIFUSÃO DA DISPONIBILIDADE DE UTILIDADES DOMÉSTICAS DE ORIGEM INDUSTRIAL NO BRASIL E DESDOBRAMENTOS ESPACIAIS EM REGIÃO PERIFÉRICA

O que se vem verificando no quadro brasileiro é um aumento substancial na disponibilidade de utilidades domésticas advindas do sistema industrial, nas unidades residenciais. Este processo global comporta uma hierarquia de bens, no que tange ao seu grau (ou estado) de difusibilidade, — bens mais ou menos difundidos pelas residências no território do país —, observando-se, ainda, uma relação inversa entre a situação hierárquica do bem, quanto ao estado de difusão (em 1970), e à velocidade de sua difusão no período de 1970/1980.

Reenfocando a disseminação de eletrodomésticos, agora quanto aos desdobramentos territoriais da mesma, constata-se a profunda diferenciação de disponibilidade entre o *heartland* e a "fração periférica em exame" (Tabela 1). A diferença mencionada é tão mais vincada quanto menos difuso for o bem no conjunto do país, e o mesmo pode ser dito quando se confronta a fração periférica referida à situação média do país (Tabela 1). Constata-se, ainda, que na

TABELA 1

SITUAÇÃO DE DIFUSÃO DE UTILIDADES EM RESIDÊNCIAS, NOS ANOS CENSITÁRIOS, E SUA EVOLUÇÃO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO ESCOLHIDAS — BRASIL 1970-1980

UNIDADES DA FEDERAÇÃO ESCOLHIDAS	DOMICÍLIOS COM RÁDIO (%)			DOMICÍLIOS COM GELADEIRA (%)			DOMICÍLIOS COM TELEVISOR (%)		
	1970	1980	1970/80	1970	1980	1970/80	1970	1980	1970/80
Brasil	58,92	75,76	28,6	26,07	49,51	89,9	24,11	54,92	127,8
São Paulo	80,54	86,37	7,2	46,28	73,97	59,8	49,73	82,30	65,5
Paraíba	35,99	67,71	88,1	7,69	20,04	160,6	4,09	24,90	508,8

FONTE — IBGE. Censo Demográfico do Brasil — 1970, Tabulações avançadas do Censo Demográfico do Brasil — 1980.

década em exame (70/80) a difusão faz-se mais acelerada no *hinterland* considerado.

A Tabela 1 permitiria ajuizar no sentido de que, enquanto o rádio, no ano inicial, apresenta níveis de saturação de difusão apenas no *heartland*, decorridos dez anos, intervalo de forte difusão na fração periférica — incremento na disponibilidade relativa, de 88,1% —, a saturação parece atingir o *hinterland*. O caso do televisor apresenta a natureza da vertiginosa difusão na década (70/80), contudo, incomparavelmente mais acelerada — em termos de disponibilidade relativa —, na periferia.

Tais observações advertem acerca da utilidade, como princípio das generalizações a respeito de "momentos de difusão", que compreenderiam uma "situação original" — onde se verifica contraste acentuado entre o(s) centro(s) emissor (es) e as zonas adjacentes periféricas —, um "amortecimento da diferenciação" e, enfim, um momento de saturação (Griliches; 1957; Brown e Moore, 1968, apud: Santos, 1979b: 41).

Generalizações confirmadas à escala nacional, se reiteram — a nível elevado de abstração — quando se operam observações em escala mais dimensionada (micro-espaco). Além de uma "saturação" (tendência à) mais rápida nos centros hierarquicamente mais elevados no sistema urbano, a velocidade da difusão — relativa — no período (1970/1980) é tanto mais acentuada quanto mais rural a área que se investiga ou menor a aglomeração (Tabela 2). Estas considerações sugerem a incorporação à análise espacial das difusões, da noção de hierarquia urbana, não só no que diz respei-

to à intensidade de múltiplos contactos interpessoais mas, também, pela concentração dos rendimentos e formas destes contactos. Para modernizações em contexto agrícola, Diniz insiste nesta hipótese de hierarquia à rede urbana (1984: 232). No caso dos bens em exame se não de levar em conta as distribuições de infra-estruturas complementares, como rede de energia elétrica, estações retransmissoras, assistência técnica etc., as chamadas "inovações empresariais" (Pedersen, 1970: 205, apud: Santos, 1979b: 35).

Se se examinam na década de 70, as modificações na estrutura energética doméstica, no que toca à preparação dos alimentos, — cocção —, conclui-se da penetração rápida do uso do gás (de botijão, GLP) nas áreas mais ruralizadas, e tendência à saturação no município mais urbanizado, capital da Unidade da Federação (Tabela 3). Ainda assim, é muito disseminado o padrão de uso da lenha/carvão, e mesmo (ainda que menos, posto que a energia elétrica permite revenda de energia interunidades residenciais — uso clandestino — e seu custo é menor) da iluminação a querosene, o que confere a certas áreas de periferia, à noite, em Campina Grande (PB), uma paisagem de luzes e sombras, oscilando.

Evidenciou-se, também, para o ano de 1970, a dominância na Unidade da Federação "supra" dos aparelhos receptores de imagens de TV preto e branco (Tabela 4) e dominância tanto maior quanto mais ruralizada a área, ou menor o centro urbano. Pesquisa de campo, junto a pequenos comerciantes, — ambulantes, camelôs — na cida-

TABELA 2

SITUAÇÃO DE DIFUSÃO DE UTILIDADES EM RESIDÊNCIAS, NOS ANOS CENSITÁRIOS, E SUA EVOLUÇÃO, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS ESCOLHIDOS — PARAÍBA — 1980

MUNICÍPIOS ESCOLHIDOS	POPU- LAÇÃO URBANA 1980	DISPÕE DE RÁDIO (%)			DISPÕE DE GELADEIRA (%)			DISPÕE DE TELEVISOR (%)		
		1970	1980	1970/80	1970	1980	1970/80	1970	1980	1970/80
João Pessoa	335 205	61,80	67,78	9,7	34,74	59,40	70,9	23,97	68,06	183,9
Campina Grande	235 385	57,13	70,47	23,4	18,57	38,18	105,6	12,44	54,24	336,0
Cajazeiras	32 253	41,76	70,53	68,9	10,94	26,86	145,5	2,74	28,30	932,9
Mogeirol	2 488	23,85	73,60	208,6	1,25	4,13	230,4	0,60	6,18	930,0

FONTE — IBGE. Censo Demográfico da Paraíba — 1970, Censo Demográfico do Brasil — família e domicílios — 1980, Sinopse preliminar do Censo Demográfico da Paraíba — 1980.

TABELA 3

SITUAÇÃO QUANTO AO TIPO DE COMBUSTÍVEL EMPREGADO PARA COZINHAR EM RESIDÊNCIAS NOS ANOS CENSITÁRIOS, E SUA EVOLUÇÃO, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS ESCOLHIDOS — PARAÍBA — 1970-1980

MUNICÍPIOS ESCOLHIDOS	POPULAÇÃO URBANA 1980	1970		1980		CRESCIMENTO DO USO DO GÁS (%) 1970/1980
		Gás (%)	Lenha/Carvão (%)	Gás (%)	Lenha/Carvão (%)	
João Pessoa	335 205	64,74	35,26	82,12	17,88	26,9
Campina Grande	235 385	44,39	55,61	66,92	33,08	50,8
Cajazeiras	32 253	14,75	85,25	28,81	71,19	95,3
Mogeirol	2 488	2,45	97,55	7,57	92,43	209,0

FONTE — IBGE. Censo Demográfico da Paraíba — 1970, Censo Demográfico do Brasil — família e domicílios — 1980, Sinopse preliminar do Censo Demográfico da Paraíba — 1980.

TABELA 4

ESTADO DA PARAÍBA, MUNICÍPIOS ESCOLHIDOS, RESIDÊNCIAS COM APARELHOS DE TELEVISÃO POR NATUREZA DA IMAGEM, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS ESCOLHIDOS PARAÍBA — 1980

MUNICÍPIOS ESCOLHIDOS	POPULAÇÃO URBANA 1980	NATUREZA DA IMAGEM		
		Total (%)	Cores (%)	Preto/Branco (%)
João Pessoa	335 205	100,00	26,02	73,98
Campina Grande	235 385	100,00	10,26	89,74
Cajazeiras	32 253	100,00	8,46	91,54
Mogeirol	2 488	100,00	5,84	94,16

FONTE — IBGE. Censo Demográfico do Brasil — família e domicílios — 1980 e Sinopse preliminar do Censo Demográfico da Paraíba — 1980.

de de Campina Grande, apontou no mesmo sentido, para os que possuíam televisor (91,43%), em 1986. Cerca de 78% dos aparelhos apresentavam este tipo de imagem.

A investigação primária cuidou de aferir, entre as unidades residenciais deste último segmento sócio-profissional que dispunham de quatro utilidades (Tabela 5) elétricas, as importâncias da "forma" ou "estado de aquisição" do bem: "usado", ou "novo". Nota-se uma hierarquia de bens, no que concerne à forma de adquirir, ou seja: não somente se verifica uma segunda circulação comercial dos bens, ou "circuito inferior" (Santos, 1979a), mas também a inten-

sificação da comercialização de certos produtos usados, em momentos de difusão rápida em áreas periféricas, acompanhada de lançamento de modelos novos ("maquiagem" de produto) que são adquiridos pelas camadas de população de renda mais elevada.

Esta "segunda circulação" pode se verificar propiciada por contactos entre estratos da população para fins de serviços de diversas ordens — serviços domésticos, reparação hidráulica, elétrica etc. —, o que põe em ligação dois contornos específicos de renda/consumo, ou também mediante o comércio estabelecido, em geral, associado a oficinas de reparação — estabelecimentos

bifuncionais — e o comércio de rua, onde, também, é comum a bifuncionalidade. Na cidade de Campina Grande, ainda que presentes também no centro da cidade, estas barracas de eletrodomésticos usados se

concentram nas proximidades da “feira” principal, “mercado” este, expressão da ampla fragmentação estrutural do comércio (Coing, Lamick, et alii, 1982), no âmbito urbano, em questão (Fotos 1 e 2).

TABELA 5

ESTADO DA PARAÍBA, CIDADE DE CAMPINA GRANDE, RESIDÊNCIAS DOS RESPONSÁVEIS PELAS UNIDADES DE COMÉRCIO AMBULANTE, SEGUNDO A DISPONIBILIDADE DE UTILIDADES ELETRODOMÉSTICAS — 1986

UTILIDADE	DISPONIBILIDADE			FORMA DE AQUISIÇÃO		
	Total (%)	Sim (%)	Não (%)	Total (%)	Novo (%)	Usado (%)
Televisão	100 00	91,43	8,57	100,00	73,02	26,98
Refrigerador	100 00	72,86	27,14	100,00	82,35	17,65
Ferro elétrico	100 00	92,86	7,14	100,00	92,31	7,69
Liquidificador	100 00	82,86	17,14	100,00	98,28	1,72

FONTE — Pesquisa direta, 1986.



FOTO 1 — Vendedores Ambulantes  
Campina Grande — PB

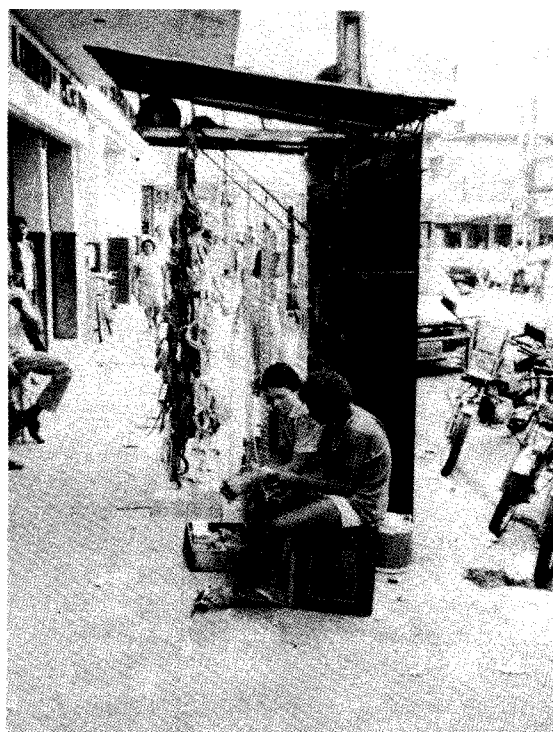


FOTO 2 — Vendedores Ambulantes  
Campina Grande — PB

## CONCLUSÕES

Os estudos de difusão têm o caráter de incorporar à compreensão do espaço, o papel das integrações entre frações do território, particularmente em um país, que, nas últimas décadas, é perpassado por um grande processo de reorganização regional, cujo centro são as metrópoles de São Paulo, particularmente, e Rio de Janeiro. Contrapõe-se, em alguma medida, ao enfoque endógeno, regional autonomista, que valoriza as instâncias regionais, numa ótica de permanência. As contribuições críticas à difusão espacial, por seu turno, permitem operar a apreensão da coexistência de elementos de tempos díspares.

A disponibilidade de informações censitárias e de pesquisas específicas, para o estudo da difusão ou propagação espacial das inovações, oferece possibilidades de

estudos empíricos de alcance teórico. A abordagem pode atingir as chamadas inovações mais fragmentadas, em nível doméstico inclusive, evitando-se um enfoque dual e permitindo uma visão integradora.

O elemento distância (d) pode ser relativizado ao sistema de cidades, às diferenciações regionais de renda, mas também à presença/ausência de inversões públicas ou privadas complementares. O mesmo se afirmaria acerca do que se poderia considerar área com bem em estado de saturação, cujos limiares podem sofrer modificações, em função de oscilação de outras variáveis.

Indica-se, como possível caminho de investigação, a identificação da importância, para o setor urbano-industrial, e para o das pequenas formas no Nordeste do país, da chamada "segunda circulação" de bens de uso doméstico, quer do ponto de vista econômico de mercado, quer da integração das camadas mais pobres da população à sociedade de consumo.

## BIBLIOGRAFIA

- BECKER, BERTHA K. Política da Amazônia; a nova fronteira de recursos. Rio de Janeiro: ZAHAR. 1982. 233 p. il. mapas.
- BERRY, B. *Geographie des marchés et du commerce de détail*. Paris: A. Colin. 1971.
- BROWN, L.; MOORE, E. Diffusion Research in Geography: a perspective. *Discussion Paper 9*. D. of Geog. U. of Iowa, *Apud*: Santos, 1979 b: 41.
- CANO, WILSON. Raízes da concentração industrial em São Paulo. Rio de Janeiro: Difel, 1977. 317p. (Corpo e Alma do Brasil, 53).
- CENSO DEMOGRÁFICO: 1970. Rio de Janeiro: IBGE, 1973. v. 1, T. 9: Paraíba.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: IBGE, 1973: v. 1, T. 1: Brasil.
- \_\_\_\_\_. :1980. Rio de Janeiro: IBGE, 1982. v. 1, T. 6: Famílias e Domicílios, Brasil.
- CERON, A.; HALBSGUT, H. Tendências espaciais na difusão dos tratores empregados na agricultura paulista a partir de 1940. *Geografia*, v. 3, N. 6, 75-88, *APUD*: DINIZ, 1984: 219.
- CHISHOLM, M. *A Geografia Humana: Evolução ou Revolução?* Rio de Janeiro: Interciência.
- CLAVAL, PAUL. *Evolución de la geografía humana*. Barcelona: Oikos-Tau, 1974. 240 p.
- COING, H.; LAMICK, H.; JUGON, P. et alii. *Articulation entre les formes de production: recherches a Campina Grande*. Paris: U. de Paris/I. D'Urbanisme.
- CORREA, ROBERTO LOBATO. Região e organização espacial. São Paulo: Ática. 1986, 93 p. (Série princípios).
- DINIZ, José Alexandre Felizola. Geografia da Agricultura. São Paulo: Difel. 1984, 278 p.
- FAISSOL, S.; Ferreira, M.; Moreira, L. O Processo de urbanização brasileiro: uma contribuição à formulação de uma política de desenvolvimento urbano regional. *Revista Geográfica*, 103, 111-57, IPGH, México.
- GALBRAIT, J. *La Sociedad opulenta*. Barcelona: Ariel.
- GRILICHES, Zui. Hybrid Corn, an Exploration in the Economics of Technological Change. *Econometric*, 25, *Apud*: Santos, 1979 b: 41.
- HÄGERSTRAND, T. The Propagation of Innovation Waves. *Lund Studies in Geography B*, Human Geography 4.

- \_\_\_\_\_. El terreno propio de la geografía humana. In: *Nuevas Tendencias en Geografía*. Madrid, Inst. de Estudios de Administración Local.
- HARRIS, M. *The Rise of Anthropological Theory*. N. York: Crowell.
- HUDSON, J. Difusion in a Central Place System. *Geographical Analysis*, v. 1, n. 1, 45-58. Apud: CHISHOLM, 1979: 134.
- KATONA, G. *La Sociedad de consumo de masas*. Madrid: Rialp.
- KROEBER, A. *Cultural and Natural Areas of Native North America*. Berkeley, U. of California.
- LA BLACHE, Paul. Princípios de Geografia Humana. Lisboa: Cosmos. 1954, 390 p.
- MANNHEIM, K. *Menschen und Gesellschaft in Zeitalter des Umbans*. Leiden.
- MANZAGOL, C. *Lógica do espaço industrial*. São Paulo: Difel.
- MYRDAL, G. Economic Theory and Underdeveloped Regions, Apud. BECKER, 1982: 17.
- OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, NORDESTE; Planejamento e conflitos de classes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, 137 p. (Estudos sobre o Nordeste; 1).
- PEDERSEN, P. Innovation Within and Between National. Urban Systems. *Geographical Analysis*, Apud: SANTOS, 1979b: 35.
- PERLOFF, H.; DUNN, S. et alii. *Regions, resources and economic growth*. Baltimore: The John Hopkins University Press, Apud: Manzagol, 1985: 176.
- ROPKE, G. *Masse und Demokratie*. Zurich: A Hunold.
- ROSTOW, W. *Las Etapas del crecimiento econômico*. México: FCE.
- SANTOS, M. Por uma geografia nova. São Paulo: EDUSP/HUCITEC.
- \_\_\_\_\_. *O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: F. Alves.
- \_\_\_\_\_. *Economia Espacial: críticas e alternativas*. São Paulo: HUCITEC.
- SAUER, C. *Agricultural Origins and Dispersals*. American Geographical Society.
- SINGER, P. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional.
- SINOPSE Preliminar do Censo Demográfico: 1980. Rio de Janeiro: IBGE, 1981. n. 10: Paraíba.
- TABULAÇÕES Avançadas do Censo Demográfico: 1980. Rio de Janeiro: IBGE, 1981. T. 2: Resultados preliminares.
- TYLOR, E. *Primitive culture*. London: J. Murray.
- VEBLEN, T. *Teoria de la clase ociosa*. México: FCE.

## RESUMO

O trabalho aborda a difusão de utilidades domésticas no Brasil, a partir de 1970. Para isto, baseia-se em informações censitárias de 1970 e 1980, referentes ao grau de disponibilidade de aparelhos eletrodomésticos e grau de uso do Gás Liquefeito de Petróleo — GLP como combustível para cocção de alimentos nas unidades residenciais. O estudo se desenvolve segundo o modelo centro/periferia, tomando-se como exemplo de difusão de bens em região periférica o Estado da Paraíba, e como região central, o Estado de São Paulo.

Observou-se mais uma intensa difusão dos bens já referidos, nas décadas de 70 e 80, na periferia, enquanto na região central tais bens (eletrodomésticos) achavam-se já em saturação de difusão, ou próximos a esta situação. No Estado da Paraíba, cidade de Campina Grande, procurou-se avaliar, para o segmento sócio-profissional dos comerciantes ambulantes, a importância da difusão de bens eletrodomésticos usados, mediante pesquisa direta realizada em 1986.